

Sociologia Histórica ou História Sociológica? Diálogos a partir de Pierre Bourdieu

*Ione Ribeiro Valle**

Resumo

Retomar o diálogo entre sociologia e história a partir do pensamento de Pierre Bourdieu é o principal objetivo deste artigo. Para tanto, três dimensões foram consideradas sem que se observe uma sequência cronológica. A primeira parte do pressuposto que sua sociologia é desde o início uma sociologia histórica. A segunda indica que há uma vinculação estreita entre as disciplinas científicas e a noção de campo. A última diz respeito à defesa de uma sociologia histórica para os sociólogos e de uma história sociológica para os historiadores. Este estudo mostra que é por meio de um 'estilo' mais propositivo, que se evidencia nos seus últimos escritos, que o autor enfatiza a necessidade de unificação das humanidades e propõe uma aproximação entre o passado e o presente. Esse debate contribui não apenas para que se repense o social, mas para que se repense as práticas de professores e de pesquisadores.

Palavras-chaves: Sociologia histórica; História sociológica; Pierre Bourdieu.

* Professora do Centro de Ciências da Educação - Universidade Federal de Santa Catarina. Pesquisadora PQ do CNPq - Ministério da Ciência, Tecnologia e Inovações. Coordenadora do Laboratório de Pesquisas Sociológicas Pierre Bourdieu - LAPS. E-mail: ione.valle@ufsc.br

Historic Sociology or Sociological History? Dialogs based on Pierre Bourdieu

Histoire Sociologique ou Sociologie Historique ? Des dialogues d'après Pierre Bourdieu

Abstract

The main objective of this article is to return to the dialog between sociology and history through the thinking of Pierre Bourdieu. Three dimensions were considered without observing a chronological sequence. The first is based on the presumption that from the beginning his sociology was a historic sociology. The second indicates that there is a close tie between the scientific disciplines and the concept of the field. The third concerns the defense of a historic sociology for sociologists and a sociological history for historians. This study shows that in Bourdieu's last writings he emphasized the need for unification of the humanities and proposed an approximation between the past and the present using a more affirmative "style". This debate contributes not only to rethinking the social, but also to rethinking the practices of professors and researchers.

Keywords: Historic sociology; sociological history; Pierre Bourdieu.

Résumé

Reprendre le dialogue entre la sociologie et l'histoire d'après la pensée de Pierre Bourdieu est l'objectif qui est au cœur de cet article. Pour le faire, trois dimensions ont été considérées sans qu'on observe une séquence chronologique. La première suppose que sa sociologie est dès le début une sociologie historique. La seconde indique qu'il y a un lien étroit entre les disciplines scientifiques et la notion de champ. La dernière fait référence à la défense d'une sociologie historique pour les sociologues et d'une histoire sociologique pour les historiens. Cette étude montre qu'il est à travers un "style" plus propositionnel, qui se manifeste dans ses derniers écrits, que l'auteur met en relief la nécessité d'unifier les humanités, tout en proposant une proximité entre le passé et le présent. Ce débat contribue non seulement à repenser le social, mais à repenser les pratiques des enseignants et des chercheurs.

Mots-clé: Sociologie historique; Histoire sociologique; Pierre Bourdieu.

Os historiadores estão exatamente no mesmo barco que os sociólogos: o mundo social lhes oferece objetos pré-construídos. Pierre Bourdieu (1930-2002)

Retomar o diálogo entre sociologia e história nada tem de original, considerando-se que se trata de um velho tema, inscrito no complexo quadro de lutas do campo científico. Em outras palavras, estamos trazendo à reflexão um diálogo que integra a agenda tanto de sociólogos quanto de historiadores há algumas décadas e que vai sendo ressignificado e, portanto, redefinido sistematicamente; um diálogo que ao mesmo tempo em que se amplia, incorporando novas lentes epistemológicas, se diversifica abarcando temáticas específicas, como é o caso, por exemplo, de uma sociologia história da política e do Estado (DÉLOYE, 2007 e 2014), do desenvolvimento (CHAUVEAU, 1992), do trabalho (HENRY, 2014), da infância (TURMEL, 2013), do patrimônio (CHARLE, 2010), da propriedade (DUFOUR & RIOUX, 2008), da circulação e recepção de textos (GRYNSZPAN, 2012), da ação pública local (JOANA, 2000).

Diante desse quadro, cabe evidentemente perguntar que razões estão motivando esta empreitada que tem como foco o diálogo entre sociologia e história da educação, à luz do pensamento de Pierre Bourdieu. Como se sabe, apesar dos esforços de ambos os campos disciplinares no sentido de buscar uma maior aproximação – chega-se mesmo a pensar em unificação –, as tensões entre eles persistem, elas são alimentadas por fatores diversos, fazendo com que a reflexão que apresentamos aqui, ainda que pareça meio sépia, se justifique.

Ler Pierre Bourdieu, trabalhar com Pierre Bourdieu, não é uma tarefa fácil. Abordar o diálogo entre sociologia e história a partir da sua teoria das práticas sociais constitui-se num desafio, e não dos menores. O primeiro a ser enfrentado diz respeito à construção de argumentos menos áridos para recompor esse diálogo de múltiplas faces. O segundo, e certamente o mais importante deles, reporta-se às dimensões a serem contempladas visando priorizar os argumentos mais contundentes, tendo como referência uma parte relativamente importante da

obra do autor. Optamos por considerar três dimensões que em hipótese alguma coincidem com uma determinada sequência cronológica. Ou seja, os argumentos que sustentam estas dimensões apresentam um caráter eminentemente didático e visam unicamente ordenar a apresentação deste texto.

Assim, nosso objetivo é, inicialmente, mostrar que a sociologia de Pierre Bourdieu foi edificada, desde a sua base, como uma sociologia histórica. Para argumentar em favor desta ideia, retomamos alguns dos seus primeiros escritos, na tentativa de compreender os procedimentos teórico-metodológicos por ele mobilizados para produzir uma teoria das práticas sociais centrada no viés sociológico, mas que não perde de vista a contribuição de outros vieses epistemológicos.

Nossa intenção é, em seguida, demonstrar que há uma vinculação estreita entre a configuração das disciplinas científicas e a noção de campo, que se constitui numa das principais categorias interpretativas de Pierre Bourdieu. Os argumentos em favor desta premissa apoiam-se no fato de que Bourdieu se contrapõe às abordagens abrigadas sob o véu da neutralidade axiológica, mas também rejeita o isolamento disciplinar ou, mais propriamente, um certo ‘engavetamento’ a que estão submetidas as disciplinas, em nome da especialização. Esses argumentos atravessam o conjunto da obra do autor e se tornam mais evidentes na sua formulação crítica abrangendo, de forma mais severa a sociologia e os sociólogos, mas também a história e os historiadores, a economia e os economistas, a psicologia e os psicólogos, o mundo acadêmico e o *homo academicus*, o sistema de ensino e os professores, o campo jornalístico e os jornalistas... Vale lembrar que ele foi muitas vezes identificado como um sociólogo ‘enervante’, como ele próprio explica ao se referir à “verdade” sociológica: ela “é dotada de tal violência, que acaba machucando; ela faz sofrer e, ao mesmo tempo, as pessoas se libertam desse sofrimento, devolvendo-o para quem aparentemente o provoca” (BOURDIEU, 2011a, p. 17).

Por último, apresentaremos alguns dos principais argumentos de Pierre Bourdieu em defesa de uma so-

ciologia histórica para os sociólogos e de uma história sociológica para os historiadores. Os textos mobilizados para a construção desta reflexão são abundantes e perpassam um longo período. Eles não possuem mais o tom marcadamente áspero que marcou o processo de elaboração das suas principais categorias de análise, embora o viés crítico seja mantido. Deparamo-nos aqui com um ‘estilo’ mais propositivo, mais reconciliador ou, mais propriamente, com um discurso em favor da unificação das humanidades. Esse discurso considera o fato de que as disciplinas estão artificialmente separadas (BOURDIEU, 1995, p. 108), e reconhece ser difícil explicitar como poderiam ser as relações entre elas num campo de batalhas tal como se apresenta o mundo acadêmico.

Sua sociologia é, desde o princípio, edificada como uma sociologia histórica

Para defender esta assertiva procuramos recolocar o pensamento de Pierre Bourdieu no contexto das décadas de 1950/1960, lembrando tratar-se de décadas que gestaram pensamentos críticos radicais, os quais foram responsáveis por rupturas epistemológicas de grande monta. Tais rupturas afetaram em profundidade as diversas áreas do conhecimento, com impactos importantes sobre a economia, a política, a cultura, a educação, a condição humana em geral.

Uma das primeiras ‘peleias’ em que se engajou o jovem filósofo Pierre Bourdieu consistiu em reconquistar o estatuto de ciência para a sociologia. Quando dizemos reconquistar, partimos do pressuposto que esta disciplina havia perdido seu lugar de prestígio no *podium* das ciências; um lugar que havia sido logrado por Émile Durkheim (1858-1917) desde o início do século XX¹, tanto por meio do trabalho de preparação do ‘aprendiz de feiticeiro’, encampado pela obra *As regras do método sociológico* (publicada em 1895), e que ainda é leitura obrigatória na formação de pesquisadores nas áreas humanas e sociais, quanto pelo esforço em exercitar aquilo que considerava fundamental para assegurar à sociologia essa posição de reconhecimento (como é o caso de *O suicídio*, publicada em seguida, em 1897).

Mas voltemos ao empenho de Bourdieu no sentido de recuperar o lugar e o tempo perdidos pela sociologia francesa, particularmente, em razão do avanço de algumas abordagens anglo-saxônicas detentoras de grande ‘autoridade’ no campo das humanidades. Esse é o caso por exemplo da perspectiva funcionalista desenvolvida por Talcott Parsons (1902-1979), de viés predominantemente normativo, centrada na hipersocialização das novas gerações e no fortalecimento das fronteiras disciplinares.

Elevar a sociologia ao *ranking* das ciências, reconhecidas como tal, significava promover uma verdadeira ‘revolução científica’ ou, mais propriamente, ‘simbólica’, ou seja, era preciso enfrentar oposições canônicas: entre indivíduo e sociedade, estruturas mentais e estruturas sociais, ator e estrutura, liberdade e determinismo, compreensão e explicação, subjetivismo e objetivismo (LEBARON & MAUGER, 2012, p. 13). Significava também romper com a *doxa* acadêmica predominante, que pode ter, ao mesmo tempo, o sentido de opinião, crença, representação, aparência, fingimento, etc. (BOURDIEU, 2011a, p. 34-35), ancorada em oposições fictícias, que naturalizam práticas polarizadas: a sensibilidade humana contra a frieza das estatísticas, a condescendência contra o distanciamento, a neutralidade axiológica contra o engajamento político, o etnocentrismo intelectual contra o anti-intelectualismo...; a lista é longa.

Evidentemente, Bourdieu não se lançou nessa ‘peleia’ sozinho. Ele percebeu desde muito cedo que precisava de ‘reforço’, o que provavelmente o levou a atribuir nos anos subsequentes um valor incomensurável ao “trabalho coletivo”, que é uma das premissas do seu *modus operandi*. Ele contou, como se sabe, com a parceria de muitos pesquisadores, inclusive pesquisadores em formação (ou ‘aprendizes de feiticeiro’², para utilizarmos a metáfora anterior); eles certamente não poderão ser nomeados aqui.

Um deles entretanto merece destaque, sobretudo pela importância que teve na produção dos primeiros estudos sobre a educação. Refiro-me especificamente a duas obras: *Os herdeiros* (publicada na França em 1964 e no

Brasil em 2014) e *A reprodução* (publicada na França em 1970 e no Brasil em 1975); obras que contaram com a parceria do jovem filósofo Jean-Claude Passeron (1930-), cujo percurso em muito se assemelha ao de Bourdieu: ambos egressos da prestigiosa Escola Normal Superior, de origem social modesta e provenientes de recantos longínquos e, a época, considerados de baixo prestígio sociopolítico e cultural³. Além disso, ambos haviam sido beneficiados pela meritocracia escolar e se sentiam fortemente seduzidos pela sociologia, considerada como disciplina ‘paria’ ou ‘plebeia’, diferentemente do que vislumbrara Augusto Comte, ao concebê-la como disciplina ‘régia’. A sociologia integrava, conseqüentemente, o quadro das disciplinas relegadas.

A obra *A profissão de sociólogo* (publicada na França em 1968 e no Brasil em 1999), que também contou com as ‘plumas’ de dois Jean-Claude – referimo-nos a Chamboredon e Passeron –, exprime da melhor maneira esse esforço de superação de *habitus* comuns ou de ‘princípios científicos interiorizados’. Ela reúne textos de história e de filosofia das ciências, compondo um amálgama de autores e de pensadores, mais ou menos reconhecidos, inscritos nas mais diversas matrizes teórico-metodológicas. Pode-se lê-la portanto como uma introdução à sociologia contemporânea, como um manifesto sociológico (LEBARON, 2012, p. 111-121) de grande envergadura ou, ainda, como denúncia de um ‘jeito’ espontâneo de produzir ‘efeitos de verdade’.

Nessa obra, estes autores se propuseram a estabelecer a legitimidade científica da disciplina sociologia, considerado-a como a caçula das ‘ciências empíricas’. Ora, essa definição a situava, explicitamente, no prolongamento das ‘ciências da natureza’, o que lhe permitia se beneficiar das aquisições de suas precedentes (tal como fora previsto pela filosofia positiva de Comte). Esse esforço tem como inspiração a ideia apresentada por Montesquieu que, ao tomar como modelo o sistema de Descartes, entende fundar uma ciência dos fatos históricos capaz de apreender, a exemplo da física, “as relações necessárias que derivam da natureza das coisas” (BOURDIEU, 1982, p. 230-231).

Mas para reivindicar o estatuto de ‘ciência experimental’ era preciso eliminar alguns obstáculos, adotar novos princípios e superar práticas cristalizadas. Em outras palavras, era preciso des-fetichizar técnicas, que nada têm de neutras, e inseri-las no conjunto das operações de pesquisa. Do mesmo modo, era preciso abolir procedimentos prematuros de generalização teórica e romper com as filiações estritas – e portanto restritas – a uma determinada explicação sobre o social. Tais filiações, esclarece o autor, acabam se tornando produtoras de uma espécie de aristocratism acadêmico e não escapam às armadilhas das práticas anacrônicas. Ou seja, a epistemologia e a história das ciências, assim como a metodologia, deviam ser incorporadas à prática concreta da pesquisa nas humanidades, sem deixar de considerar que “o fato é conquistado contra a ilusão do saber imediato” (BOURDIEU, CHAMBOREDON & PASSERON, 1999, p. 23).

Isso necessariamente remete ao enraizamento sociocultural do pesquisador e ao diálogo interdisciplinar, já presente nos pais fundadores: Marx e Weber (ao proporem explicações sobre o capitalismo, a formação das classes e as formas de dominação), Durkheim (ao estudar a divisão social do trabalho e as formas de solidariedade), Tocqueville (ao estudar a revolução francesa e os mecanismos democráticos). Estes pensadores são recorrentemente identificados com a produção de uma sociologia comparativa ou, mais propriamente, de uma sociologia histórica⁴.

Segundo os nossos autores, referimo-nos a Bourdieu, Chamboredon e Passeron, a relação com as outras ciências, e em particular com a história, é um fator *sine quo non*: a história possibilita descobrir as constantes das novas situações. “A novidade histórica exerce a função de ‘reativo’ [revelando] as virtudes latentes” (BOURDIEU, CHAMBOREDON & PASSERON, 1999, p. 58). Mas eles vão mais longe ao mencionarem os “efeitos da colaboração interdisciplinar”. Embora “apresentada como uma panacéia científica, [esses efeitos não podem] ser dissociados das características sociais e intelectuais da comunidade erudita”, uma vez que “os encontros interdisciplinares que, no caso, das ciências humanas, [restringem-se] a simples trocas de ‘dados’ [...], fazem pensar no tipo arcai-

co de transações em que dois grupos fornecem produtos um ao outro” (BOURDIEU, CHAMBOREDON & PASSERON, p. 96), sem necessariamente precisarem se encontrar.

O métier de sociólogo, tal como se apresenta na versão original – é importante ressaltar que nossos autores não utilizam nem o termo ‘profissão’, nem o termo ‘ofício’, o que supõe associar habilidades manuais com habilidades intelectuais, aspecto que na língua francesa somente o termo *métier* possibilita –, que se pode supor inspirar-se na obra *Apologia da história ou métier de historiador* de March Bloch, publicada em 1949, está na gênese da teoria das práticas sociais e marca uma ruptura radical com o que Bourdieu define mais tarde como “disposição hagiográfica que leva naturalmente os celebrantes a tudo justificar”, contribuindo para a eficácia de uma espécie de mitologia ‘científica’⁵.

Como se pode ver, *O métier de sociólogo* faz um apelo à necessidade de “resistir ao terrorismo teórico” e, sobretudo, à capacidade “de utilizar e de produzir instrumentos teóricos imprescindíveis à prática científica” (BOURDIEU, 1995, p. 112). Segundo Bourdieu, “somente se pode revolucionar um campo mobilizando ou invocando as aquisições da história desse campo” (BOURDIEU, 1992, p. 149). Ela se destaca portanto pelo movimento científico que inaugura, pelas perspectivas teóricas que introduz no mundo da ciência e por desvelar as implicações do campo político sobre o mundo acadêmico e sobre o *homo academicus*⁶.

As disciplinas científicas e o campo científico estão estreitamente vinculados

A perspectiva socio-histórica, reivindicada para o exercício do *métier* de sociólogo vai sendo reafirmada nos textos subsequentes, mas ela assume uma maior intensidade na medida em que a reflexividade de Bourdieu avança e seu ‘tom’ se torna mais crítico e, de certa forma, mais áspero. Isso se explicita claramente na configuração das disciplinas científicas e sua vinculação com a noção de campo.

Antes de examinar essa vinculação, se faz necessário explicitar o que, para Bourdieu, distingue uma disciplina

da outra. Nunca é demais lembrar que palavras e conceitos são introduzidos ‘em contrabando’ no discurso acadêmico, inclusive aqueles empregados para designar as divisões do mundo social⁷. A disciplina é o espaço de uma legalidade específica (de um *nomos*), define-se por um inconsciente coletivo, produto da incorporação de um *habitus*, presente na (di)visão que constitui o campo científico (BOURDIEU, 1997, p. 171). Esse *habitus* engendra práticas ajustadas a cada ordem disciplinar, práticas que se encarnam nas regularidades objetivas e nos mecanismos que regem a circulação da informação (BOURDIEU, 2001a, p. 163). Segundo Bourdieu, essas práticas são percebidas e apreciadas, tanto pelos que integram a ordem quanto pelos demais, como justas, adequadas, o que faz com que as pessoas dialoguem entre si, constroam uma espécie de consenso inconsciente sobre um conjunto de questões (BOURDIEU, 2015, p. 427).

Essa vinculação se dá num contexto que abriga um duplo movimento, opondo tendências unificadoras e tendências diferenciadoras (SHINN & RACOUET, 2005, p. 145-185): de um lado, preconiza-se a eliminação de fronteiras disciplinares, vistas como verdadeiras muralhas, de outro, defende-se, em nome da necessidade de estabilidade, o surgimento de novas fronteiras, que podem se tornar tão intransponíveis quanto as que vêm sendo derrubadas.

O esforço no sentido de eliminar fronteiras é fruto da persistência de movimentos de convergência intelectual e de capitalização cognitiva que transcendem as demarcações disciplinares. Esse movimento se caracteriza por fluxos migratórios que gravitam entre os espaços disciplinares, graças à forte diferenciação interna das práticas e instrumentos de pesquisa ou dos conceitos. Esses fluxos operam por meio de “arenas intersticiais, que são [...] externas aos demais modos de produção e de difusão da ciência” (SHINN & RACOUET, 2005, p. 179). Bourdieu lembra que, “ainda que ignorados nos relatórios dos historiadores, muitos dos melhores deles são sociólogos ou historiadores convertidos à sociologia” (BOURDIEU, 1995, p. 109). No caso da educação brasileira, sabemos que essa migração de área é recorrente, com consequências pouco conhecidas sobre a constituição do campo

científico como um todo e de cada campo disciplinar, em particular.

Para Bourdieu, existe uma hierarquia entre os campos científicos, estabelecida pelas disciplinas. Essa hierarquia orienta as práticas institucionais e particularmente as escolhas individuais (BOURDIEU, 1975), dotando as disciplinas de certa estabilidade, graças a sua estruturação em torno de instituições. As disciplinas científicas estão enraizadas nos laboratórios, nos departamentos universitários, em instâncias nacionais e internacionais, em congressos e conferências; elas se legitimam nos procedimentos de certificação de competências, nos sistemas de profissionalização, em redes formais e oficiais (SHINN & RACQUET, 2005, p. 165-166).

Enfim, somente a análise desses elementos permite compreender como e por que, apesar da heterogeneidade das culturas disciplinares, as fronteiras resistem e subsistem. Uma das reflexões de Bourdieu que parece melhor explicitar essa 'resistência' diz respeito à relação entre "história reificada e história incorporada". Referimo-nos aqui a um artigo polêmico, intitulado "O morto se apodera do vivo" (*Le mort saisit le vif*), publicado pela Revista *Actes de la recherche en sciences sociales* (BOURDIEU, 1980, p. 3-14), e em português no livro *O poder simbólico* (2001b). Apesar da indignação ou da 'ira' bourdieusiana, explicitada nesse artigo, se voltar essencialmente contra o campo histórico e a prática dos historiadores⁹, suas contribuições são fundamentais para o conjunto das humanidades. Por essa razão, passaremos a enumerar algumas delas para facilitar a apresentação (BOURDIEU, 2001b, p. 75-106).

1. Existem disciplinas auxiliares ou suplementares, que servem unicamente como 'tema de reflexão', e que quase sempre se posicionam como cúmplices da realidade que procuram conhecer. Trata-se de disciplinas que se dedicam à busca de soluções para problemas de ordem prática ou, sobretudo, integrantes de agendas políticas, geralmente voltadas a interesses específicos ou de grupos.
2. Há uma forte tendência a pensar a pesquisa histórica como *processo*, a centrá-la nas origens e nas *responsabilidades*, a situá-la na gênese da ilusão teleológica e, mais precisamente, numa espécie de ilusão retrospectiva, que permite atribuir aos agentes individuais ou aos coletivos personalizadas intenções e premeditações. Bourdieu se refere aqui, particularmente, aos que se consagram à descoberta dos predecessores dos predecessores, àqueles que atribuem ao *regressio ad infinitum* uma superação erudita.
3. A propensão a uma visão teológica, que permite censurar ou louvar, condenar ou reabilitar, imputando a vontades benéficas ou malignas as propriedades do passado, depende do grau em que o passado da instituição é considerado como instrumento de luta no interior desse campo. Vale assinalar que, para Bourdieu, "a distância temporal tem uma virtude de neutralização" (BOURDIEU, 2011a, p. 18), pois "os sujeitos são históricos, o que significa que há uma distância social" (BOURDIEU, 2013, p. 196). Por essa razão, mesmo as histórias mais históricas sempre estão expostas a uma des-historicização.
4. A razão de ser de uma instituição (ou de uma medida administrativa), assim como seus efeitos sociais, não depende da 'vontade' de um indivíduo ou de um grupo, mas do campo de forças antagônicas ou complementares em que são geradas essas 'vontades'.
5. A oposição entre o acontecimento e a longa duração, entre os 'grandes homens' e as forças coletivas, entre as vontades singulares e os determinismos estruturais, funda-se na distinção entre o individual e o social. Essas oposições permitem confrontar dois estados da história: a história no seu estado objetivado, acumulada ao longo do tempo nas coisas, nas máquinas, nos edifícios, nos monumentos, nos livros, nas teorias, nos costumes, nos documentos, e a história no seu estado incorporado que se tornou *habitus*.
6. À medida que o tempo avança, os 'possíveis' – ou as possibilidades – se tornam mais improváveis, pois sua realização passa a supor a destruição, a neutralização ou a reconversão de parte da herança histórica. Eles se tornam até mesmo mais difíceis de serem imagina-

dos, porque os esquemas de pensamento e de percepção decorrem de opções anteriores transformadas em coisas. Historiadores, mas também sociólogos se veem entre a ‘vocação’ subjetiva (aquilo para que se sentem ‘feitos’) e a ‘missão’ objetiva (aquilo que se espera deles), entre o que a história faz deles e o que ela pede para que eles façam. Ora, essa concordância pode se exprimir na convicção resignada de não poder fazer outra coisa.

7. A relação *dóxica* com o mundo natal, que também poderia ser com o mundo profissional, define-se por uma espécie de empenho ontológico que o senso prático instaura; caracteriza-se como uma relação de pertença e de posse, na qual o corpo apropriado se apropria, de maneira absoluta e imediata, das coisas que habitam nessa história. É importante observar que Bourdieu traz à discussão a seguinte premissa marxista: “a herança se apropria do herdeiro”. Mas, se a herança pode se apropriar do herdeiro, o herdeiro também pode se apropriar da herança..., o que exprime a não inflexibilidade da noção de *habitus* em Bourdieu.
8. Referindo-se a uma forma sutil de mistificação, Bourdieu salienta que dela ninguém escapa. Em conjunto ou separadamente, consciente ou inconscientemente, historiadores e sociólogos são levados a aderir à “*docta ignorância*” (BOURDIEU, 1997, p. 48), inerente ao jogo acadêmico: historiadores tendem a transformar o juízo da história em juízo final – ele se refere sobretudo àqueles que não se apoiam em arquivos –, sociólogos se veem como autênticos autores, profetas ou heresiarcas⁹ (BOURDIEU, 1997, p. 48) sentindo-se autorizados a descobrir e revelar a verdade; a crítica aqui é aos sociólogos sem enquetes, àqueles que não ‘sujam as mãos na empiria’, e que tentam ocultar por meio de um metadiscorso normativo uma prática científica inepta (BOURDIEU, 1995).

Uma sociologia histórica para os sociólogos e uma história sociológica para os historiadores

Ao considerar que “a fronteira entre sociologia e história não tem nenhum sentido”, Bourdieu argumenta em fa-

vor da unificação das ciências sociais e defende o encurtamento das distâncias entre sociologia e história. Essa defesa eloquente tem início na explicitação das características que as diferenciam, como a antiguidade, a posição na hierarquia do campo, as tomadas de posição dos pesquisadores, além de fatores que as opõem.

Examinemos primeiramente a antiguidade. Enquanto o berço da sociologia é a filosofia (lembrando que ele a situa sobretudo a partir de Émile Durkheim), o que faz dela uma disciplina jovem, a história é uma disciplina canônica, e antiguidade é sinônimo de nobreza. Essa condição de origem assegura à última não apenas legitimidade mas a coloca numa posição acadêmica privilegiada.

A história ocupa portanto uma posição central entre as disciplinas literárias com uma importante inserção no sistema escolar: ela integra os conteúdos escolares desde a mais tenra idade, o que a coloca entre as disciplinas régias. Isso não ocorre com a sociologia, basta lembrar sua inserção limitada e fortemente questionada nos currículos escolares e a ameaça de eliminação que permanentemente a persegue, particularmente no caso brasileiro. Ora, essa condição a coloca entre as disciplinas relegadas.

A posição privilegiada da história pode portanto corresponder em determinados campos científicos à posição dominante (BOURDIEU, 2015, p. 432), com consequências sobre a definição das origens sociais de estudantes e professores; ou seja, essa posição pode corresponder à hierarquia dos prestígios em função dos níveis de nobreza (escolar). A sociologia, por sua vez, está situada entre dois espaços: o das disciplinas literárias e o das disciplinas científicas, sendo a menos literária das disciplinas literárias e a menos científica das disciplinas científicas (BOURDIEU, 2015, p. 433).

Quanto à tomada de posição de historiadores e sociólogos, Bourdieu chama a atenção para o fato de a história estar no topo das humanidades, ao lado da cultura, que aparece como um dos lugares do sagrado, consequentemente daquilo que é social e politicamente neutro. Ora, essa condição permite que ela se movimente, de forma

mais autônoma, entre a cientificação, a teorização e o estilo (BOURDIEU, 2015, p. 439). Por essa razão, a história pode optar pela produção de “uma pesquisa necessariamente crítica, porque aplicada a objetos construídos contra as representações de senso comum”, tendo como referência interesses diferenciados e relações de força, ou por produzir “uma história oficial ou semi-oficial, dedicada à gestão da memória coletiva, à conservação dos sacrossantos arquivos” (BOURDIEU, 1995, p. 110), ou ainda por construir uma memória de Estado, sob o controle do Estado. Ou seja, embora dominante socialmente, a história é dominada teoricamente, o que a faz oscilar “entre o modernismo de uma ciência dos fatos históricos e o academicismo e conformismo prudentes de uma tradição letrada” (BOURDIEU, 1995, p. 110). Em síntese, o campo histórico continua produzindo história científica e/ou história comemorativa, apesar de ter sofrido um certo *aggiornamento* nos anos 1960. E isso somente é possível porque a história se beneficia dessa condição e posição ambíguas.

Já a sociologia, ainda que seja considerada como a ciência social por excelência porque, graças aos seus métodos, seria capaz de unificar todas as demais ciências – ao menos esse era o desejo de Durkheim (CHARTIER, 2011, p. 55) –, se coloca do lado da política (BOURDIEU, 2015, p. 439-440), o que a leva a apresentar um caráter ora normativo ora crítico, em conformidade com a orientação epistemológica a que se filia em cada momento. Por essa razão, não se pode acreditar que a sociologia historicize todos os debates, mesmo que se deva esperar que ela ofereça chaves para compreender a forma histórica que funda cada debate. Embora a sociologia deva explicar a constituição de universos sociais em que as apostas de poder são históricas (BOURDIEU, 2012, p. 149), acaba na maior parte das vezes atuando segundo o grau de autonomia em relação às demandas sociais e políticas.

No que concerne à oposição entre essas duas disciplinas, partimos da premissa clássica de que enquanto a sociologia vislumbra leis gerais invariáveis, a história se dedica aos casos situados e datados. Segundo Bourdieu, os historiadores sempre manifestaram uma atenção especial à singularidade dos casos históricos e uma forte suspeita

em relação à generalização, em razão dos riscos do anacronismo. No entanto, são justamente eles “os mais inclinados a ceder ao anacronismo, porque, seja para aparecerem modernos ou tornarem seus trabalhos mais interessantes, seja por negligência, hão de empregar palavras atualmente em curso para falar de realidades nas quais essas palavras não eram usadas ou, então, tinham um outro sentido” (BOURDIEU, 2011a, p. 23).

No caso dos sociólogos, a generalização assume as características de um ‘etnocentrismo’, que envolve a transferência, geralmente pouco refletida, de palavras e de conceitos (BOURDIEU, 1995, p. 119). Para o autor, essa oposição somente se justifica e se mantém por estar ligada a tradições da divisão do trabalho, a formas de dominação incorporadas, a práticas acadêmicas anacrônicas que foram ao longo do tempo sendo naturalizadas¹⁰, à inserção social do sociólogo e à inserção histórica do historiador. Ou, mais precisamente, ela se perpetua porque as disciplinas respondem a interesses sociais, a investimentos em tempo e aprendizagens, porque as disciplinas estão submetidas a imposições e censuras objetivas do próprio campo. Essa oposição é um artefato histórico, construído historicamente, tendo conseqüentemente estruturado os inconscientes coletivos (BOURDIEU, 2012, p. 144). Ora, em se tratando de um artefato histórico, ela pode ser abolida.

Ao proclamar uma ciência social unificada e reconhecer a necessidade de eliminar a fronteira entre sociologia e história, Bourdieu preconiza uma sociologia histórica do passado e uma história sociológica do presente (BOURDIEU, 1995, p. 111). Essas duas disciplinas, afirma ele, têm o mesmo objeto e poderiam apoiar-se nos mesmos instrumentos teóricos e técnicos, o que permitiria ampliar o poder explicativo sem nada perder da particularidade histórica.

Segundo Bourdieu, por meio do estudo de um caso particular ou de um conjunto de casos particulares torna-se possível apreender as formas universais do Estado, do campo artístico, dos sistemas de ensino, das estratégias de reprodução, das múltiplas configurações da dominação. Ou seja, fazer sociologia histórica ou história socio-

lógica é tratar um caso particular como caso particular dos possíveis. Evidentemente, não se pode correr o risco de universalizar inconscientemente – e irresponsavelmente – um caso particular. Ele lembra que o sociólogo é alguém que faz história comparada a partir de um caso particular do presente, pois não se pode analisar um fenômeno contemporâneo sem fazer uma história e uma sociologia genéticas desse fenômeno. Portanto, o sociólogo é um historiador que toma por objeto o presente, com a intenção de constituí-lo como caso particular (BOURDIEU, 2012). No que se concerne às análises comparativas, sociologia e história se confundem e podem facilmente se complementar (BOURDIEU, 1995).

Essa similaridade de práticas entre sociólogos e historiadores pode ser observada numa bela frase de Bourdieu, quando ele se recolhe para pensar sobre “o momento crítico”: “O pesquisador só pode chegar depois da festa, quando os lampiões foram apagados e os cavaletes retirados, e com um produto que não tem mais nenhum dos charmes do *impromptu*” (BOURDIEU, 2011b, p. 208). Embora construído a partir de questões surgidas da imediatidade do acontecimento, de enigmas mais do que de problemas, o protocolo científico não apresenta a clareza do discurso do bom senso. Ou seja, os objetos a serem analisados não são obtidos através de uma simples apreensão empírica e intuitiva da realidade; eles devem ser conquistados contra as aparências imediatas e construídos por meio de uma análise metódica aliada ao trabalho de abstração (BOURDIEU, 2004, p. 338-339).

Ao se referir à escolha e à aplicação de conceitos, Bourdieu alerta para a necessidade de “fazer uma genealogia sócio-histórica dos diferentes campos semânticos (historicamente constituídos)” (BOURDIEU, 1995, p. 116). Ele lembra que cada palavra está presa ao campo social em que foi produzida, em que circula e é utilizada. Para ilustrar essa assertiva, ele cita os conceitos de ‘nobreza’ e de legitimidade, além da noção weberiana de ‘carisma’, por entender que estes têm uma história política e jurídica e foram submetidos a diferentes elaborações teóricas. Consequentemente, por meio deles é possível aproximar realidades fenomenalmente diversas e levantar elementos complementares sobre o que aparen-

ta ser um mecanismo único. Somente a crítica da razão histórica e sociológica pode levar à ruptura com pressupostos e pré-noções decorrentes da construção de conceitos de abrangência universal (BOURDIEU, 1995, p. 117-118).

Assim, “dentre as muitas perspectivas abertas pela teoria de Pierre Bourdieu para desvelar os processos de dominação e romper com a experiência primeira do mundo social, a sociologia histórica ocupa um lugar eminente” (HENRY, 2014, p. 2). O autor sublinha que o sociólogo e o historiador somente poderão fazer bem o que fazem se estiverem conscientes de que para se apropriar do mundo social é preciso considerar o estado provisório – mas não aleatório – dos seus objetos de estudo (BOURDIEU, 2012, p. 153). Como se pode ver, ele reafirma, por meio dessa complementaridade entre sociologia e história, sua aposta obstinada numa ciência social rigorosa, mas não rígida, entendendo que quanto mais científico for o trabalho mais político ele será, ou mais impactos sobre o espaço social ele produzirá. Com isso, ele nos ajuda não apenas a (re)pensar o social, mas a (re)pensar nossas práticas de professores e de pesquisadores.

Enfim, esperamos tê-los ajudado a perceber que, apesar das ‘intrigas de palácio’ ou, mais precisamente, das disputas inerentes ao campo científico, da *illusio* que nos impõe determinados consensos, dos riscos da adesão silenciosa induzida por abordagens anacrônicas e manipuladoras, precisamos, por meio dos nossos estudos, aproveitar a porosidade das fronteiras entre as nossas disciplinas, para nos movimentarmos entre a contingência histórica e a regularidade sociológica, para fazermos com que o passado e o presente dialoguem.

Notas

1 Evidentemente, poderíamos retroceder a Augusto Comte (1798-1857) que cunhou a ciência sociologia (ou o que denominou inicialmente como física social), mas é a Durkheim que se atribui a concepção de sociologia como disciplina, que é o que nos interessa sobretudo neste momento.

2 Bourdieu e Passeron empregam esta metáfora para nomear o capítulo 3 da obra *Os herdeiros* (1964).

3 Denguin, situada nos Pirineus Atlânticos, e Nice, situada na Provença-Alpes-Costa Azul, respectivamente.

4 Ver por exemplo: Kalberg (2002), Caniello (2006) ou Dufour (2015).

5 A teoria dos climas de Montesquieu é um importante paradigma da *mitologia 'científica'*. Trata-se de um discurso fundado na crença (ou no prejulamento), caracterizado pela coexistência de *dois princípios entrecruzados de coerência*: uma coerência proclamada, com ar científico, que se afirma pela multiplicação dos sinais externos à cientificidade, e uma coerência ocultada, mítica no seu princípio (BOURDIEU, 1982, p. 118).

6 Ver *Homo academicus* de Pierre Bourdieu, publicada na França em 1984 e no Brasil em 2011, primeira edição.

7 O uso científico de um conceito, como lembra Bourdieu (2011, p. 57), “supõe controle prático e, se possível, teórico dos usos anteriores e do espaço conceitual em que o conceito, tomado de empréstimo, tinha sido utilizado”.

8 Segundo Chartier (2011, p. 12-13), “a história (pelo menos, a francesa) é denunciada, por manifestar seu gosto pelas falsas oposições, sua atração pela má filosofia e sua ignorância dos clássicos das ciências sociais, além de preferir a futilidade de discussões epistemológicas à custa das práticas de pesquisa que são, de fato, o verdadeiro lugar da reflexão teórica”.

9 “[...] o heresiarca é um profeta que vai dizer na rua o que normalmente se diz no universo dos doutores” (BOURDIEU, 2011, p. 70).

10 “Ao se referir à necessidade de fazer a crítica da crítica ou, mais precisamente, de sempre desconfiar das fontes, Bourdieu sublinha que as práticas de historiadores e sociólogos estão muito próximas, pois eles “não gostam de embarcar no processo reflexivo, primeiramente porque isso não faz parte de sua formação mas também porque é mais repouante apreender as coisas como são” (BOURDIEU, 2013, p. 269).

Referências

BLOCH, M. *Apologie pour l'histoire ou métier d'historien*. Paris: Librairie Armand Colin, 1949.

BOURDIEU, P. La spécificité du champ scientifique et les conditions sociales du progrès de la raison. *Sociologie et sociétés*, 7 (1), 1975, p. 91-118.

BOURDIEU, P. Le mort saisit le vif [Les relations entre l'histoire réifiée et l'histoire incorporée]. *Actes de la recherche en sciences sociales*, 32 (1), 1980, p. 3-14.

BOURDIEU, P. La rhétorique de la scientificité: contribution à une analyse de l'effet Montesquieu. In BOURDIEU, P. *Ce que*

parler veut dire. L'économie des échanges linguistiques. Paris: Fayard, 1982, p. 227-239.

BOURDIEU, P. Sur les rapports entre la sociologie et l'histoire en Allemagne et en France. Entretien avec Lutz Raphael. *Actes de la recherche en sciences sociales*, 106/107, mars 1995, p. 108-122.

BOURDIEU, P. *Méditations pascalienues*. Paris: Seuil, 1997.

BOURDIEU, P. Histoire et vérité. In BOURDIEU, P. *Science de la science et réflexivité*. Paris: Raisons d'Agir, 2001a, p. 141-165.

BOURDIEU, P. Le mort saisit le vif. As relações entre a história reificada e a história incorporada. In BOURDIEU, P. *O poder simbólico* (4ª ed., p. 75-106). Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2001b.

BOURDIEU, P. Estrutura, habitus e prática. In BOURDIEU, P. *A economia das trocas simbólicas* (5ª ed.) São Paulo: Editora Perspectiva, 2004, p. 337-361.

BOURDIEU, P. Entrevistas concedidas a Roger Chartier. In BOURDIEU, P., & CHARTIER, R. *O sociólogo e o historiador*. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2011a.

BOURDIEU, P. *Homo academicus*. Florianópolis: EdUFSC, 2011b.

BOURDIEU, P. *Manet. Une révolution symbolique*. Paris: Seuil/Raisons d'Agir, 2013.

BOURDIEU, P. *Sociologie générale. Vol. 1. Cours au Collège de France 1981-1983*. Paris: Seuil/Raisons d'Agir, 2015.

BOURDIEU, P. & PASSERON, J.-C. *A reprodução; elementos para uma teoria do sistema de ensino* (2ª ed.). Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1982.

BOURDIEU, P. & PASSERON, J.-C. *Os herdeiros: os estudantes e a cultura*. Florianópolis: Editora da UFSC, 2014.

BOURDIEU, P., CHAMBOREDON, J.-C. & PASSERON, J.-C. *A profissão de sociólogo. Preliminares epistemológicas*. Petrópolis: Vozes, 1999.

CANIELLO, M. A “nova sociologia histórica” e o uso da história em Tocqueville e Marx [Versão eletrônica], *TOMO. Revista do Programa de Pós-Graduação em Sociologia* 9, 2006, p. 147-180. Disponível em: <http://seer.ufs.br/index.php/tomo/article/view/5271/0>. Acesso em 19.09.2016.

CHARLE, C. Pour une sociologie historique du patrimoine [Versão eletrônica], *Temps croisés I. Éditions de la Maison des sciences de l'homme*, 2010, p. 93-121. Disponível em: <http://books.openedition.org/editionsms/917>. Acesso em 19.09.2016.

CHARTIER, R. Entrevistador de Pierre Bourdieu. In BOURDIEU, P. & CHARTIER, R. *O sociólogo e o historiador*. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2011.

CHAUVEAU, J.-P. Pour une sociologie historique du développement. In BARE, J.-F., & COUTY, P. (Eds.). *Institutions et pratiques de*

développement: itinéraires. Paris: ORSTOM. Département SUD, 1992, p. 13-24.

DÉLOYE, Y. La sociologie historique de l'État de Pierre Bourdieu au prisme de la sociologie historique comparée: de quelques paradoxes et décalages. *Revue Suisse de Science politique, Revue Suisse de Science Politique*, 2014, 20 (1), p. 14-18. Disponível: <https://hal-shs.archives-ouvertes.fr/halshs-00979138>. Acesso em 10.07.2017.

DÉLOYE, Y. *Sociologie historique du politique* (3ª ed.). Paris: La Découverte, 2007. DUFOUR, F.G. *La sociologie historique. Traditions, trajectoires et débats*. Québec: Presse de l'Université du Québec, 2015.

DUFOUR, F.G. & RIOUX, S. La sociologie historique de la théorie des relations sociales de propriété [Versão eletrônica], *Actuel Marx* 1 (43), 2008, p. 126-139. Disponível em: <https://www.cairn.info/revue-actuel-marx-2008-1-page-126.htm>. Acesso em 14.03.2017.

DURKHEIM, É. *O suicídio. Estudo de sociologia*. São Paulo: Martins Fontes, 2000.

DURKHEIM, É. *As regras do método sociológico*. São Paulo: Martins Claret, 2003.

GRYNSZPAN, M. Por uma sociologia histórica da circulação e da recepção de textos: Robert Michels e sociologia dos partidos políticos nos Estados Unidos [Versão eletrônica], *Revista de Sociologia e Política* 20 (44), 2012, p. 11-30. Disponível em: <http://revistas.ufpr.br/rsp/article/view/34417/21341>. Acesso em 14.08.2017.

HENRY, O. Dénaturaliser l'institution. L'apport de la sociologie historique de Pierre Bourdieu à la critique du travail [Versão eletrônica], *La nouvelle revue du travail*, (4), 2014, p. 1-14. Disponível em: <https://nrt.revues.org/1559>. Acesso em 05.11.2016.

JOANA, J. La sociologie historique face au local. Enjeux problématiques d'une analyse de l'action publique municipale sous la IIIème République [Versão eletrônica], *CURAPP. Les méthodes au concret*. Paris: PUF, 2000, p. 299-319. Disponível em: https://www.u-picardie.fr/curapp-revues/root/44/jean_joana.pdf_4a0bdfef8e619/jean_joana.pdf. Acesso em 10.02.2017.

KALBERG, S. La sociologie historique comparative de Max Weber [Versão eletrônica], *Recherches*. Paris: La Découverte, 2002. Disponível em: <http://www.cairn.info/la-sociologie-historique-comparative-de-max-weber--9782707134011.htm>. Acesso em 25.04.2017.

LAHIRE, B. Champ, hors-champ, contrechamp. In LAHIRE, B. (Org.). *Le travail sociologique de Pierre Bourdieu. Dettes et critiques*. Paris: La Découverte, 1999, p. 23-57.

LEBARON, F. Le métier de sociologue. Préalables épistémologiques. In LEBARON, F., & MAUGER, G. (Orgs.). *Lectures de Bourdieu*. Paris: Ellipses, 2012, p. 111-121.

LEBARON, F. & MAUGER, G. Présentation générale. In LEBARON, F. & MAUGER, G. (Orgs.). *Lectures de Bourdieu*. Paris: Ellipses, 2012, p. 13-22.

SHINN, T. & RACOUET, P. *Controverses sur la science. Pour une sociologie transversaliste de l'activité scientifique*. Paris: Raisons d'Agir, 2005.

TURMEL, A. *Une sociologie historique de l'enfance. Pensée du développement, categorisation et visualisation graphique*. Laval: Presses de l'Université de Laval, 2013.

Recebido em 08 de outubro de 2017.

Aceito em 10 de dezembro de 2017.